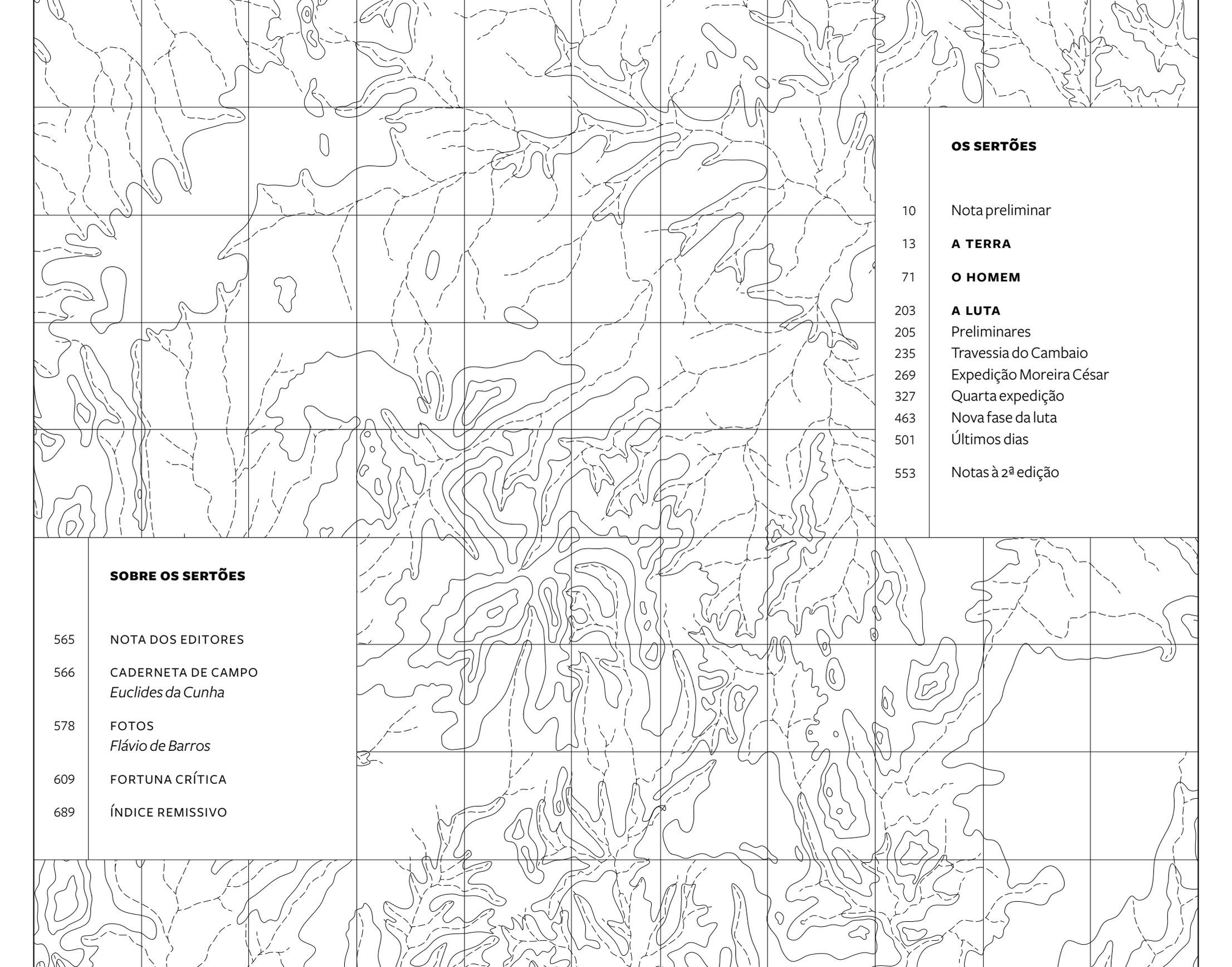


**SERRA DOS CARAJÁS**

*Campanha de Canudos*



**OS SERTÕES**

10 Nota preliminar

13 **A TERRA**

71 **O HOMEM**

203 **A LUTA**

205 Preliminares

235 Travessia do Cambaio

269 Expedição Moreira César

327 Quarta expedição

463 Nova fase da luta

501 Últimos dias

553 Notas à 2ª edição

**SOBRE OS SERTÕES**

565 NOTA DOS EDITORES

566 CADERNETA DE CAMPO  
*Euclides da Cunha*

578 FOTOS  
*Flávio de Barros*

609 FORTUNA CRÍTICA

689 ÍNDICE REMISSIVO

*Dedico esta edição crítica à memória de  
José Calasans e Oswaldo Galotti*

W.N.G.

5 Não sei se já aí chegaram notícias da *Reforma Orthographica...* (Aí deixo, nestes maiúsculos e nestes *hh*, o meu espanto e a minha intransigência etimológica!) [...] Há ali coisas inviáveis: a exclusão do *y*, tão expressivo na sua forma de âncora a ligar-nos com a civilização antiga, e a eliminação completa do *k*, do hierático *k* (*kapa* como dizemos cabalisticamente na álgebra)... Como poderei eu, rude engenheiro, entender o *quilômetro*, sem o *k*, o empertigado *k*, com as suas duas pernas de infatigável caminhante, a dominar distâncias? *Quilômetro*, recorda-me *kilometro* singularmente esmagado ou reduzido; alguma coisa como um relíssimo decímetro, ou grosseira polegada. Mas decretou a enormidade; e terei, doravante, de submeter-me aos ditames dos mestres.

*Euclides da Cunha, carta a Domício da Gama, Rio de Janeiro, 15/08/1907*

**A**

**L**

**U**

**T**

**A**

**PRELIMINARES**

**I** Antecedentes.

5

**II** Causas próximas da luta. Uauá.

**III** Preparativos da reação. A guerra das caatingas.

10

**IV** Autonomia duvidosa.

I

Quando se tornou urgente pacificar o sertão de Canudos, o governo da Bahia estava a braços com outras insurreições. A cidade de Lençóis fora investida por atrevida malta de facínoras, e as suas incursões alastravam-se pelas Lavras Diamantinas; o povoado de Barra do Mendes caíra às mãos de outros turbulentos; e em Jequié se cometia toda a sorte de atentados.

O mal era antigo.

O trato de território que recortam as cadeias de Sincorá até as margens do São Francisco, era, havia muito, dilatado teatro de tropelias às gentes indisciplinadas do sertão.

Opulentada de esplêndidas minas, aquela paragem, malsina-a a própria opulência. Procuram-na há duzentos anos irrequietos aventureiros ferrotados pelo anelo de espantosas riquezas, e eles, esquadrihando afanosamente os flancos das suas serranias e as nascentes dos rios, fizeram mais do que amaninhar a terra com a ruínia das catas e o indumento áspero das grupiarias: legaram à prole erradia e, de contágio, aos rudes vaqueiros que os seguiram, a mesma vida desenvolta e inútil livremente expandida na região fecunda, onde por muitos anos foram moeda corrente o ouro em pó e o diamante bruto.

De sorte que sem precisarem despertar pela cultura as energias de um solo em que não se fixam e atravessam na faina desnorteada de faisca-dores, conservaram na ociosidade turbulenta a índole aventureira dos avós, antigos fazedores de desertos. E como, a pouco e pouco, se foram exaurindo os cascalhos e afundando os veeiros, o banditismo franco impôs-se-lhes como derivativo à vida desmandada.

O jagunço, saqueador de cidades, sucedeu ao *garimpeiro*, saqueador da terra. O mandão político substituiu o *capangueiro* decaído.

A transição é antes de tudo um belo caso de reação mesológica.

Caracterizemo-la, de relance.

Vimos como se formaram ali os mamalucos bravos e diligentes, interpostos tão a propósito, na quadra colonial, entre o torvelinho das bandeiras e o curso das missões, como elemento conservador formando o cerne da nossa nacionalidade nascente e criando uma situação de equilíbrio entre o desvario das pesquisas mineiras e as utopias românticas do apostolado. Ora, aqueles homens, depois de esboçarem talvez a única feição útil da nossa atividade naqueles tempos, tiveram desde o começo do século XVIII, quando se desvendaram as lavras do rio de Contas a Jacobina, perigosos agentes que se lhes não derrancaram o caráter varonil os nortearam a lamentáveis destinos. De feito, transmudaram-se em contacto com os sertanistas gananciosos. Estes vinham, então, do oriente, espavorindo a ferro e fogo o selvagem e fundando povoados que, ao revés dos já existentes, não tinham o gérmen de uma fazenda de gado, mas as ruínas das malocas. Bateram rudemente a região, estacionando largo tempo ante a barreira de serras que vão de Caetité para o norte; e quando as minas esgotadas lhes demandaram aparelhos para a exploração intensiva, tiveram, logo adiante, entre as matas que vão de Macaúbas a Açuruá, novas paragens opulentas, atraindo-os para o âmago das terras.

Devassaram-nas até nova barreira, o rio São Francisco. Transpuseram-na. Na frente, indefinido, se lhe antolhou, cavado nos chapadões, aquele maravilhoso vale do rio das Éguas, tão aurífero que o ouvidor de Jacobina em carta dirigida à rainha Maria I (1794) afirmava “que as suas minas eram a coisa mais rica de que nunca se descobriu nos domínios de Sua Majestade”.

Naquele ponto se abeiravam das lindes de Goiás.

Não deram mais um passo além. Ultimara-se uma empresa deplorável. Pelos campos de criação avermelhavam, nodoando-os, os montões de argila revolvida das catas entorroadas; e da envergadura atlética do vaqueiro surgira, destemeroso, o jagunço. A nossa história tão mal-sinada de indisciplinados heróis adquiria um de seus mais sombrios

atores. Fez-se a metamorfose da situação anterior: de par com a sociedade robusta e tranquila dos campeiros, uma outra caracterizando-se pelo nomadismo desenvolvido, pela combatividade irrequieta, e por uma ociosidade singular sulcada de tropelias.

Imaginemos que dentro do arcabouço titânico do vaqueiro estale, de súbito, a vibratibilidade incomparável do bandeirante. Teremos o jagunço.

É um produto histórico expressivo. Nascendo de cruzamento tardio entre colaterais, que o meio físico já diversificara, resume os atributos essenciais de uns e outros – na atividade bifronte que oscila, hoje, das vaquejadas trabalhosas às incursões dos quadrilheiros. E a terra, aquela incomparável terra que mesmo quando abrangida pelas secas, desnuda e empobrecida, ainda lhe sustenta os rebanhos nas baixadas salinas dos barreiros, ampara-o de idêntico modo ante as exigências da vida combatente: dá-lhe grátis em toda a parte o salitre para a composição da pólvora, enquanto as balas, luxuosos projetis feitos de chumbo e prata, lá estão, incontáveis, na galena argentífera do Açuruá...<sup>54</sup>

É natural que desde o começo do século passado a história dramática dos povoados do São Francisco começasse a refletir uma situação anômala.<sup>55</sup> E embora em todas as narrativas emocionantes, que a formam, se destaquem rivalidades partidárias e desmandos impunes de uma política intolerável de potentados locais, todas as desordens, surgindo sempre precisamente nos lugares em que se ostentou, outrora, mais ativa a ânsia mineradora, denunciam a gênese remota que esboçamos.

Exemplifiquemos. Todo o vale do rio das Éguas e, para o norte, o do rio Preto, formam a pátria original dos homens mais bravos e mais inúteis da nossa terra.<sup>56</sup> Dali abalam para as algaras aventureiras alugando

<sup>54</sup> Vide *Descrições práticas da província da Bahia* pelo tenente-coronel Durval Vieira de Aguiar.

<sup>55</sup> Caetano Pinto de Miranda Montenegro, vindo em 1804 de Cuiabá ao Recife, andando 670 léguas, passou pela barra do Rio Grande, e no relatório que enviou ao visconde de Anadia, diz, referindo-se àqueles lugares que “em nenhuma parte dos domínios portugueses a vida dos homens tem menos segurança”. (Liv. 16. *Corr. da Corte*, 1804-1808)

<sup>56</sup> “Quem precisa de jagunços no rio São Francisco manda-os contratar nesse grande viveiro. O clavinote com a munição é o preço; o mais arranjam facilmente conforme o valor da impunidade que a influência do patrão oferece.” Tenente-coronel Durval, *id.*

a bravura aos potentados, e têm sempre, culminando-lhas, o incêndio e o saque de vilas e cidades, em todo o vale do grande rio. Avançando contra a corrente já chegaram, em 1879, à cidade mineira de Januária que conquistaram, tornando a Carinhanha, de onde haviam partido, carregados de despojos. Desta vila para o norte a história das depredações avulta cada vez maior, até Xiquexique, lendária nas campanhas eleitorais do Império.

Não há traça-la em meia dúzia de páginas. O mais obscuro daqueles arraiais tem a sua tradição especial e sinistra.

Um único, talvez, se destaca sob outro aspecto, o de Bom Jesus da Lapa. É a Meca dos sertanejos. A sua conformação original, ostentando-se na serra de grimpas altaneiras, que ressoam como sinos; abrindo-se na gruta de âmbito caprichoso semelhando a nave de uma igreja, escassamente aclarada; tendo pendidos dos tetos grandes candelabros de estalactites; prolongando-se em corredores cheios de velhos ossuários diluvianos; e a lenda emocionante do monge que ali viveu em companhia de uma onça – tornaram-no objetivo predileto de romarias piedosas, convergentes dos mais longínquos lugares, de Sergipe, Piauí e Goiás.

Ora, entre as dádivas que jazem em considerável cópia no chão e às paredes do estranho templo, o visitante observa de par com as imagens e as relíquias, um traço sombrio de religiosidade singular: facas e espingardas.

O clavinoteiro ali entra, contrito, descoberto. Traz à mão o chapéu de couro, e a arma à bandoleira. Tomba genuflexo, a fronte abatida sobre o chão úmido do calcário transudante... E reza. Sonda longo tempo, batendo no peito, as velhas culpas. Ao cabo cumpre devotamente a *promessa* que fizera para que lhe fosse favorável o último conflito que travara: entrega ao Bom Jesus o trabuco famoso, tendo na coroa alguns talhos de canivete lembrando o número de mortes cometidas. Sai desapertado de remorsos, feliz pelo tributo que rendeu. Amatula-se de novo à quadrilha. Reata a vida temerosa.

Pilão Arcado, outrora florescente e hoje deserta, na derradeira fase de uma decadência que começou em 1856; Xiquexique, onde durante decênios se digladiaram liberais e conservadores; Macaúbas, Monte

Alegre e outras, e todas as fazendas de seus termos, delatam, nas vivendas derruídas ou esburacadas a bala, esse velho regime de desmandos.

São lugares em que se normalizou a desordem esteada no banditismo disciplinado.

O conceito é paradoxal, mas exato.

Porque há, de fato, uma ordem notável entre os jagunços. Vaidosos de seu papel de bravos condutícios e batendo-se lealmente pelo mandão que os chefia, restringem as desordens às minúsculas batalhas em que entram, militarmente, arregimentados.

O saque das povoações que conquistam, têm-no como direito de guerra, e neste ponto os absolve a História inteira.

Fora disto, são raros os casos de roubos que, consideram desaire e indigno labéu. O mais frágil *positivo* pode atravessar, inerte e indene, procurando o litoral, aquelas matas e campos, com os picuás atestados de diamantes e pepitas. Não lhe faltará um só no termo da viagem. O forasteiro, alheio às lutas partidárias, atravessa-os igualmente imune.

Não raro um mascate, seguindo por ali, com seus cargueiros renegando ao peso das caixas preciosas, estaca – tremendo – ao ver aparecer inesperadamente um grupo de jagunços, acampados na volta do caminho...

Mas perde em momentos o medo. O clavinoteiro-chefe aproxima-se. Saúda-o com boa sombra; dirige-lhe a palavra, risonho; e mete-lhe à bulha o terror, galhofeiro. Depois lhe exige um tributo – um cigarro. Acende-o numa pancada única do isqueiro; e deixa-o passar, levando, intactas, a vida e a fortuna.

São numerosos os casos deste teor revelando notável nobreza entre aqueles valentes desgarrados.

Cerca de dez ou oito léguas de Xiquexique demora a sua capital, o arraial de Santo Inácio, erecto entre montanhas e inacessível até hoje a todas as diligências policiais.

Estas, de ordinário, conseguem pacificar os lugares conflagrados, tornando-se interventoras neutras ante as facções combatentes. É uma ação diplomática entre potências. A justiça armada parlamenta com os criminosos; balanceia as condições de um e outro partido; discute; evita os ultimatoss; e acaba ratificando verdadeiros tratados de paz, sancionando a soberania da capangagem impune.

Assim os estigmas hereditários da população mestiça se têm fortalecido na própria transigência das leis.

Não surpreende que hajam crescido, avassalando todo o vale do São Francisco, e desbordando para o norte.

Porque o *cangaceiro*<sup>57</sup> da Paraíba e Pernambuco, é um produto idêntico, com diverso nome. Distingue-o do jagunço talvez a nulíssima variante da arma predileta: a parnaíba de lâmina rígida e longa, suplanta a fama tradicional do clavinote de boca de sino. As duas sociedades irmãs tiveram, entretanto, longo afastamento que as isolou uma da outra. Os cangaceiros nas incursões para o sul, e os jagunços nas incursões para o norte, defrontavam-se, sem se unirem, separados pelo valado em declive de Paulo Afonso.

A insurreição da comarca de Monte Santo ia ligá-las.

A campanha de Canudos despontou da convergência espontânea de todas estas forças desvairadas, perdidas nos sertões.

57 Derivado de *cangaço*, complexo de armas que trazem os malfeitores. “O assassino foi à feira debaixo do seu *cangaço*, dizem os habitantes do sertão.” Franklin Távora, *O Cabeleira*.

## II

Determinou-a incidente desvalioso.

Antonio Conselheiro adquirira em Juazeiro certa quantidade de madeiras, que não podiam fornecer-lhe as caatingas paupérrimas de Canudos. Contratara o negócio com um dos representantes da autoridade daquela cidade. Mas ao terminar o prazo ajustado para o recebimento do material, que se aplicaria no remate da igreja nova, não lho entregaram. Tudo denuncia que o distrato foi adrede feito, visando rompimento anelado.

O principal representante da justiça do Juazeiro, tinha velha dívida a saldar com o agitador sertanejo, desde a época em que sendo juiz do Bom Conselho fora coagido a abandonar precipitadamente a comarca, assaltada pelos adeptos daquele.

Aproveitou, por isto, a situação, que surgia a talho para a desafronta. Sabia que o adversário revidaria à provocação mais ligeira. De fato, ante a violação do trato aquele retrucou com a ameaça de uma investida sobre a bela povoação do São Francisco: as madeiras seriam de lá arrebatadas, à força.

O caso passou em dias de outubro de 1896.

Historiemos, adstritos a documentos oficiais:

Era esta a situação<sup>58</sup> quando recebi do dr. Arlindo Leoni, juiz de Direito de Juazeiro, um telegrama urgente comunicando-me correrem boatos mais ou menos fundados de que aquela florescente cidade seria por aqueles dias assaltada por gente de Antonio Conselheiro, pelo que solicitava

58 Mensagem do governador da Bahia ao presidente da República – 1897.

providências para garantir a população e evitar o êxodo que da parte desta já se ia iniciando. Respondi-lhe que o governo não podia mover força por simples boatos e recomendei, entretanto, que mandasse vigiar as estradas em distância e verificado o movimento dos bandidos, avisasse por telegrama, pois o governo ficava prevenido para enviar incontinentemente, em trem expresso a força necessária para rechaçá-los e garantir a cidade.

Desfalcada a força policial aquartelada nesta Capital, em virtude das diligências a que anteriormente me referi, requisitei do sr. general comandante do distrito 100 praças de linha, a fim de seguirem para Juazeiro, apenas me chegasse aviso do juiz de Direito daquela comarca. Poucos dias depois recebi daquele magistrado um telegrama em que me afirmava estarem os sequazes de Antonio Conselheiro distantes do Juazeiro pouco mais ou menos dois dias de viagem. Dei conhecimento do fato ao sr. general que, satisfazendo a minha requisição, fez seguir em trem expresso e sob o comando do tenente Pires Ferreira, a força preparada, a qual devia ali proceder de acordo com o juiz de Direito.

Esse distinto oficial chegando ao Juazeiro, combinou com aquela autoridade seguir ao encontro dos bandidos, a fim de evitar que eles invadissem a cidade.

Não se podem imaginar móveis mais insignificantes para sucessos tão graves. O trecho acima extratado, entretanto, diz de modo claro que, desdenhando os antecedentes da questão, o governo da Bahia não lhe deu a importância merecida.

Antonio Conselheiro há vinte e dois anos, desde 1874, era famoso em todo o interior do Norte e mesmo nas cidades do litoral até onde chegavam, entretecidos de exageros e quase lendários, os episódios mais interessantes de sua vida romanesca; dia a dia ampliara o domínio sobre as gentes sertanejas; vinha de uma peregrinação incomparável, de um quarto de século, por todos os recantos do sertão, onde deixara como enormes marcos, demarcando-lhe a passagem, as torres de dezenas de igrejas que construía; fundara o arraial de Bom Jesus, quase uma cidade; de Xorroxó à Vila do Conde, de Itapicuru a Jeremoabo, não havia uma só vila, ou lugarejo obscuro, em que não contasse adeptos fervorosos, e não lhe devesse a reconstrução de um cemitério, a posse de um

templo ou a dádiva providencial de um açude; insurgira-se desde muito, atrevidamente, contra a nova ordem política e pisara, impune, sobre as cinzas dos editais das câmaras de cidades que invadira; destroçara completamente, em 1893, forte diligência policial, em Masseté, e fizera voltar outra, de 80 praças de linha, que seguira até Serrinha; em 1894, fora, no Congresso Estadual da Bahia, assunto de calorosa discussão na qual, impugnando a proposta de um deputado, chamando a atenção dos poderes públicos para a “parte dos sertões perturbada pelo indivíduo Antonio Conselheiro” outros eleitos do povo, e entre eles um sacerdote, apresentaram-no como benemérito do qual os conselhos se modelavam pela ortodoxia cristã mais rígida; fizera voltar, abortícia, em 1895, a missão apostólica planeada pelo arcebispado baiano, e no Relatório alarmante a propósito escrito por Frei João Evangelista, afirmara o missionário a existência, em Canudos – excluídas as mulheres, as crianças, os velhos e os enfermos – de mil homens, mil homens robustos e destemerosos “armados até aos dentes”; por fim, sabia-se que ele imperava sobre extensa zona dificultando o acesso à cidadela em que se entocara, porque a dedicação dos seus sequazes era incondicional, e fora do círculo dos fiéis que o rodeavam havia, em toda a parte, a cumplicidade obrigatória dos que o temiam... E achou-se suficiente para debelar uma situação de tal porte uma força de cem soldados.

Relata o general Frederico Solon, comandante do 3º distrito militar:

A 4 de novembro do ano findo (1896) em obediência à ordem já referida, prontamente satisfiz a requisição, pessoalmente feita pelo dr. governador do Estado, de uma força de cem praças da guarnição para ir bater os fanáticos do arraial de Canudos, asseverando-me que, para tal fim, era aquele número mais que suficiente.

Confiado no inteiro conhecimento, que ele devia ter, de tudo quanto se passava no interior de seu estado, não hesitei; fazendo-lhe apresentar, sem demora, o bravo tenente Manuel da Silva Pires Ferreira, do 9º batalhão de infantaria, a fim de receber as suas ordens e instruções o qual, para cumpri-las, seguiu, a 7 do dito mês para Juazeiro, ponto terminal da estrada de ferro, na margem direita do rio São Francisco, comandando 3 oficiais e 104 praças de pré daquele Corpo, conduzindo

apenas uma pequena ambulância, fazendo eu seguir logo depois um médico com mais alguns recursos para o exercício de sua profissão. O mais correu pelo estado.

Aquele punhado de soldados foi recebido com surpresa em Juazeiro, onde chegou a 7 de novembro, pela manhã.

Não obistou a fuga de grande parte da população, subtraindo-se ao assalto iminente. Aumentou-a. Conhecendo a situação, os habitantes viram, de pronto, que um contingente tão diminuto tinha o valor negativo de exercer maior atração sobre a horda invasora.

Previram a derrota inevitável. E enquanto os partidários encober-tos do Conselheiro, que os havia em toda a roda, se rejubilavam, prefi-gurando-a, alguns homens sinceros pediram ao comandante expedi-cionário para não seguir avante.

As dificuldades encontradas na aquisição de elementos essenciais à marcha ali retiveram a força até ao dia 12 em que partiu, ao anoitecer, quando, certo, já chegara a Canudos a nova da investida.<sup>59</sup> Partiu sem os recursos indispensáveis a uma travessia de 200 quilômetros, em terreno agro e despovoado, orientada por dois guias contratados em Juazeiro.

De sorte que logo em princípio o comandante reconheceu inexe-quível dar à marcha uma norma capaz de poupar as forças das praças. No sertão, mesmo antes do pleno estio, é impossível o caminhar de ho-mens equipados, ajoujados de mochilas e cantis, depois das dez horas da manhã. Pelos tabuleiros o dia desdobra-se abrasador, sem sombras; a terra nua reverbera os ardores da canícula, multiplicando-os; e sob o influxo exaustivo de uma temperatura altíssima aceleram-se de modo pasmoso as funções vitais, determinando assaltos súbitos de cansaço. Por outro lado raro é possível o itinerário disposto de maneira a apro-veitarem-se as horas da madrugada ou da noite. É forçoso avançar a despeito das soalheiras fortes até às cacimbas dos pousos dos vaqueiros.

59 Pormenor curioso: a força seguiu a 12, ao anoitecer, para não seguir a 13, dia aziago. E ia combater o fanatismo...

Além disto, aqueles lugares estão, como vimos, entre os mais desco-nhecidos da nossa terra. Poucos se têm afrontado com o aspérrimo vale do Vaza-Barris que, das vertentes orientais da Itiúba até Jeremoabo, se prolonga inóspito, desfrequentado, tendo, de léguas em léguas, esparsas, insignificantes vivendas. É o trecho da Bahia mais assolado pelas secas.

Por um contraste explicável ante as disposições orográficas, rodeiam-no, contudo, paragens exuberantes: ao norte o belo sertão de Curaçá e as várzeas feracíssimas estendidas para leste até Santo Antonio da Glória, perlongando a margem direita do São Francisco; a oeste as terras fecundas centralizadas em Vila Nova da Rainha. Emolduram, porém, o deserto. O Vaza-Barris, quase sempre seco, atravessa-o, feito um uede tortuoso e longo.

Piores que os gerais, onde *ficam vários*,<sup>60</sup> às vezes, os mais atilados *pombeiros*,<sup>61</sup> sem rumo, desnorteados pela uniformidade dos plainos indefi-nidos, as paisagens sucedem-se, uniformes e mais melancólicas mostrando os mais selvagens modelos, engravescidos por uma flora aterradora.

A própria caatinga assume um aspecto novo. E uma melhor caracte-rização da flora sertaneja, segundo os vários cambiantes que apresenta acarretando denominações diversas, talvez a definisse mais acertada-mente como a paragem clássica das *caatandúvas*,<sup>62</sup> progredindo, ex-tensa, para o levante e para o sul até às cercanias de Monte Santo.

A pequena expedição penetrou-a logo ao segundo dia de viagem, quando, depois de repousar bivacando duas léguas além de Juazeiro, teve que calcar, seguidamente, quarenta quilômetros de estrada de-serta, até uma ipueira minúscula, a lagoa do Boi, onde havia uns restos de água. Dali por diante caminhou no deserto com escalas por Caraibi-nhas, Mari, Mocambo, Rancharia e outros pousos solitários, ou fazen-das. Alguns estavam abandonados. O estio prenunciava a seca.

Os raros moradores ou por evitá-la, ou aterrados pelas novas alar-mantes, haviam abalado para o norte tangendo por diante os rebanhos de cabras, únicos animais afeitos àquele clima e àquele solo.

60 *Ficar vário* – diz-se do viajante que perde o rumo na uniformidade das chapadas.

61 *Pombeiro* – positivo, camarada.

62 *Caatandúva, cahiva*, mato ruim (*caa*, mato; *ahiva*, mau). Beurepaire Rohan, *Dicio-nário de vocábulos brasileiros*.

100 135  
105 140  
110 145  
115 150  
120 155  
125 160  
130 165

A tropa chegou exausta a Uauá no dia 19, depois de uma travessia penosíssima.

Este arraial – duas ruas desembocando numa praça irregular – é o ponto mais animado daquele trecho do sertão. Como a maior parte dos vilarejos pomposamente gravados nos nossos mapas, é uma espécie de transição entre maloca e aldeia – agrupamento desgracioso de cerca de cem casas malfeitas e tijupares pobres, de aspecto deprimido e tristonho.

Alcançam-no quatro estradas que, a partir de Jeremoabo passando em Canudos, de Monte Santo, de Juazeiro e Patamoté conduzem para a sua feira, aos sábados, grande número de tabaréus, sem recursos para viagens longas a lugares mais prósperos. Ali chegam por ocasião das festas como se procurassem opulenta capital das *terras grandes*:<sup>63</sup> entrajados das melhores vestes, ou encourados de novo; pasmos ante os mostradores de duas ou três casas de negócio, e contemplando no barracão da feira, no largo, os produtos de uma indústria pobre em que aparecem, como valiosos espécimens, *courinhos* curtidos e redes de caroá. Nos demais dias, aberta uma ou outra venda, deserta a praça, Uauá figura-se um local abandonado. E foi num destes que a população recolhida, aguardando a passagem das horas mais ardentes, despertou surpreendida por uma vibração de cornetas.

Era a tropa.

Entrou pela rua em continuação à estrada e fez alto no largo. Foi um sucesso. Entre curiosos e tímidos os habitantes atentavam para os soldados – poentos, mal firmes na formatura, tendo aos ombros as espingardas cujas baionetas fulguravam – como se vissem exército brilhante.

Ensarilhadas as armas, a força acantonou.

Fez-se em torno um círculo de vigilância: postaram-se sentinelas à saída dos quatro caminhos e nomeou-se o pessoal das rondas.

Feito praça de guerra, o vilarejo obscuro, era, entretanto, uma escala transitória. A expedição, depois de breve descanso, devia abalar imediatamente para Canudos, ao alvorecer do dia subsequente, 20.

63 *Terras grandes* – frase vaga com que os matutos designam o litoral que não conhecem. Com ela abrangem o Rio de Janeiro, a Bahia, Roma e Jerusalém – que idealizam próximas umas de outras e muito afastadas do sertão. É o resto do mundo, a civilização inteira, que temem e evitam.

Não o fez. Ali, como em toda a parte, variavam, díspares, as informações, impedindo ajuizar-se sobre as coisas.

De sorte que todo aquele dia foi despendido inutilmente, em indagações, sendo resolvido o acometimento para o imediato, depois de demora prejudicialíssima. E ao cair da noite operou-se um incidente só explicado na manhã seguinte: a população, quase na totalidade, fugira. Deixara as vivendas, sem ser percebida, em pequenos grupos deslizando, furtivos, entre os claros das guardas avançadas. No repentino êxodo lá se foram os próprios doentes, famílias inteiras, ao acaso, pela noite dentro, dispartindo espavoridos, descampados em fora.

Ora, este fato era um aviso. Uauá, como os demais lugares vizinhos, estava sob o domínio de Canudos. Habitavam-no dedicados adeptos de Antonio Conselheiro; de sorte que mal a força fizera alto no largo, haviam-se aqueles precipitado para o arraial ameaçado, onde chegaram no amanhecer de 20, levando o alarma...

Aquela fuga de uma população em massa, delatava que os emissários haviam tido tempo de voltar prevenindo os moradores do contra-ataque, resolvido pelos homens de Canudos. Ficaria, assim, o campo livre aos lutadores.

Os expedicionários não ligaram, porém, grande importância ao caso. Aprestaram-se para continuar a marcha na manhã seguinte; e inscientes da gravidade das coisas repousaram tranquilamente, acantonados.

Despertou-os o adversário, que imaginavam ir surpreender.

Na madrugada de 21 desenhou-se no extremo da várzea o agrupamento dos jagunços...

Um coro longínquo esbatia-se na mudez da terra ainda adormida, reboando longamente nos ermos desolados. A multidão guerreira avançava para Uauá, derivando à toada vagarosa dos *kyries*, rezando. Parecia uma procissão de penitência dessas a que há muito se afeiçoaram os matutos crendeiros para abrandarem os céus quando os estios longos geram os flagícios das secas.

O caso é original e verídico. Evitando as vantagens de uma arrancada

170 205

175 210

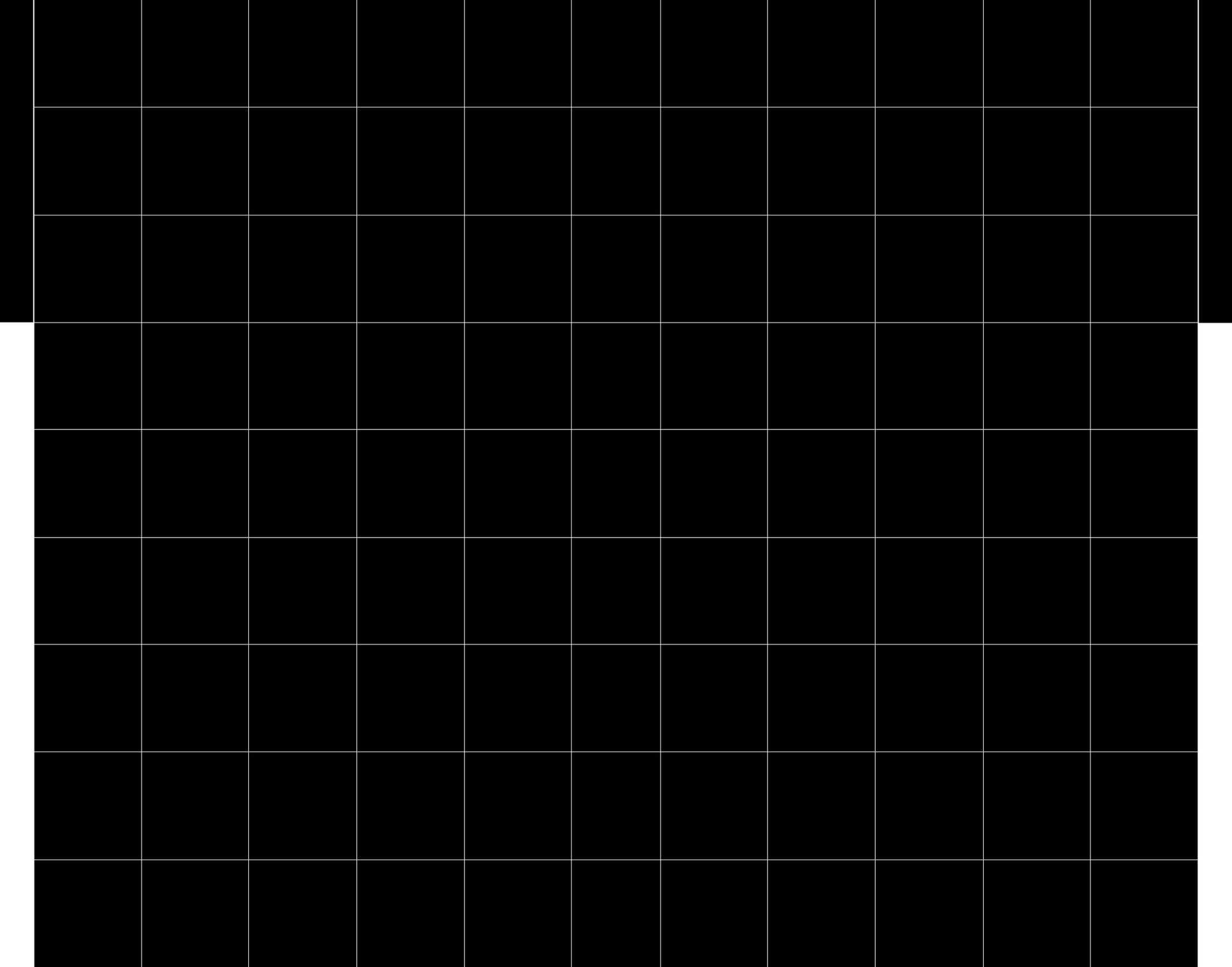
180 215

185 220

190 225

195 230

200 235



## WALNICE NOGUEIRA GALVÃO

Parece pouco plausível, mas Euclides da Cunha escreve *Os sertões* na contemporaneidade do grande romance realista brasileiro de Machado de Assis, que marca a maturidade deste e seus últimos anos de vida. Ambos foram participantes da cena literária simultaneamente pelo menos por uma década, como mostram as cartas que trocaram. E viriam a morrer com pequeno intervalo – Machado aos 69 anos, em 1908; Euclides aos 43, em 1909. Ainda assim, não se podem imaginar obras mais dessemelhantes.

Se, por um lado, o naturalismo igualmente já dera seus melhores frutos, por outro lado os primeiros sinais do modernismo, que faria sua rumorosa aparição em cena na Semana de Arte Moderna de 1922, não chegariam a alcançar Euclides em vida.

Por tudo isso, costuma-se colocar Euclides no pré-modernismo, sem dúvida na falta de melhor categoria. Quando se considera que o outro escritor de prosa do mesmo período que sobressai da média é Lima Barreto, a heterogeneidade se acentua desconfortavelmente.

Sobretudo naturalista e positivista, Euclides vai ser rejeitado pelo modernismo. A retórica do excesso, o registro grandiloquo, o tom altíssimo só poderiam ser avessos ao espírito modernista.

Acrescente-se a isso sua preocupação pelo uso de uma língua portuguesa castiça e até arcaizante, ao tempo em que Mário de Andrade ameaçava todo mundo com seu projeto de escrever uma *Gramatiquinha da fala brasileira*.

No entanto, mal sabiam os modernistas que em Euclides contavam com um abridor de caminhos. As numerosas emendas a que submeteu as

sucessivas edições de *Os sertões*, enquanto viveu, apontam para um progressivo abraço do discurso. No longo processo de emendar seu próprio texto, a prosódia vai aos poucos ganhando da ortoépia, esta sim portuguesa, mostrando que o ouvido do autor ia desautorizando sua sintaxe e, principalmente, sua colocação de pronomes, anterior.

Ainda mais, o modernismo vai dar continuidade a algumas das preocupações de Euclides com os interiores do país e à macaqueação europeia nos focos populacionais litorâneos. Partilha igualmente com ele a reflexão sobre a especificidade das condições históricas do país, na medida em que já em *Os sertões* Euclides realizara um mapeamento de temas que se tornarão centrais na produção intelectual e artística do século xx, ao debruçar-se sobre o negro, o índio, os pobres, os sertanejos, a condição colonizada, a religiosidade popular, as insurreições, o subdesenvolvimento e a dependência. Aí fincam suas raízes não só o modernismo mas também o romance regionalista de 1930 e o nascimento das ciências sociais no país na década de 1940.

Muitas dessas preocupações não eram, evidentemente, exclusivas de Euclides, mas comuns às elites ilustradas nas quais ele se integrava e das quais vai se destacar ao escrever *Os sertões*. E de muitas delas até se pode dizer que ele as aprendeu na escola, pois a marca do militar é muito forte nesse livro.<sup>7</sup> Este militar cedo se licenciou do Exército para nunca mais retornar, e sem dúvida, a partir de certo ponto, se sentia muito pouco à vontade na farda, como mostram suas cartas a amigos e familiares no período de decisão. Mas não se deve perder de vista que se trata do livro de um militar por *formação*, o que é fundamental

---

7 “No por azar várias de las obras que registran la protesta rural fueran escritas por militares o escritores vinculados al ejército. La explicación es obvia: quien llevó a cabo la represión en todo el continente fué el ejército, ya porque ejerciera directamente el poder ejecutivo (caso de Mexico, Uruguay, Colombia), ya porque fuera el sósten principal de los gobiernos civiles (caso de Argentina y Brasil). Em cualquiera de los casos, quien llevó adelante el proyecto modernizador y pude hacerlo viable fue el ejército, lo que es posible razonar de otro modo: solo la fuerza represiva de que disponia el ejército era capaz de imponer el modelo modernizador, ya que implicaba una reestructuración económica y social que castigaria ingentes poblaciones rurales, forzandolas a una rebelión desesperada”. Angel Rama, *La crítica de la cultura en América Latina*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1985, p. 354.

para que se entendam tanto as origens de tais preocupações quanto a extraordinária reviravolta de consciência causada pela Guerra de Canudos, testemunhada de corpo presente.

O fato de Euclides ter feito seus estudos completos na Escola Militar do Rio de Janeiro, de onde saiu apto para se profissionalizar como engenheiro militar, pesa poderosamente em seus escritos. Essa era uma escola de ponta que, produzindo vanguardas, constituiria um foco modernizador e teria atuação marcante na política brasileira, sobretudo na década em parte da qual Euclides foi aluno.

Dentre os ex-alunos que se tornaram militares de profissão, destacam-se nomes ilustres como o duque de Caxias, comandante vitorioso da guerra contra o Paraguai, durante o Segundo Reinado, bem como os dois primeiros presidentes da República, marechais Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto. Mas outros igualmente se notabilizaram em funções e papéis diferentes. André Rebouças se realizou como engenheiro e professor de engenharia, bem como em trabalhos empresariais durante o Império. Pereira Passos, o Haussmann do Rio de Janeiro, foi o responsável pela urbanização da capital, de que foi prefeito, no princípio do século xx. Benjamin Constant, de decisiva influência sobre seu discípulo Euclides, veio a ser ministro da Guerra da recém-proclamada República e em seguida ministro da Educação, bem como autor da primeira reforma de ensino republicana, de inspiração positivista. Candido Mariano Rondon, idealizador do indigenismo brasileiro, fundou o primeiro Serviço de Proteção ao Índio, a que se dedicou durante toda a vida; também capitaneou a instalação das linhas de telégrafos que cingiram o país de sul a norte, através dos sertões. E ainda muitíssimos outros, que transformaram de várias maneiras os destinos do país.

O positivismo se casava tão conaturalmente com o abolicionismo e o republicanismo que o lema da nova bandeira vai ser, como é até hoje, *Ordem e Progresso*. Benjamin Constant pregava que o soldado deveria ser antes de tudo um cidadão armado, com uma missão ao mesmo tempo civilizatória, humanitária e moral. Esses princípios viriam mais tarde a se institucionalizar na reforma da Escola Militar, de que foi autor, em 1900. Ora, tal concepção tinha sido uma criação da Revolução Francesa, só que

ao contrário: eram os cidadãos que se tinham armado para propagar os ideais revolucionários pelo mundo, para civilizar o mundo ainda oprimido pelo Antigo Regime, e não para militarizá-lo. Estava pronto para ser usado – como de fato o foi, até para legitimar a chacina dos pobres em Canudos – o mito da Revolução Francesa à moda da casa.

Um bando itinerante de crentes liderados por um pregador leigo, Antonio Conselheiro, depois de perseguido muitos anos por toda parte no interior dos estados do Nordeste,<sup>8</sup> acaba por se refugiar numa fazenda abandonada, no fundo do sertão da Bahia, numa localidade chamada Canudos. Pequenos contingentes de tropas, enviados contra eles em mais de uma ocasião, foram rechaçados. Preparou-se então uma expedição maior, que passaria para a história como a terceira expedição, sob o comando do coronel Moreira César. Esse militar se distinguira na repressão à Revolução Federalista do Rio Grande do Sul, já no período republicano, tornando-se conhecido pelo apelido de Corta-Pescoço. A expedição dirige-se a Canudos e, no primeiro ataque, bate em retirada com pesadas perdas, inclusive a de seu comandante, numa debandada geral, deixando cair peças de roupa, mochilas, armas e munições.

Foi o estopim para o alarma nacional, que começou com a depreciação de quatro jornais monarquistas que ainda sobreviviam, um deles em São Paulo e três no Rio, continuou em atentados e resultou na convocação da quarta expedição. Esta reuniu tropas vindas de todos os estados do país sob o comando de nada menos que cinco generais e, a partir de certa altura, até um marechal, o ministro da Guerra, que se deslocou pessoalmente para lá.

O exame dos documentos e da imprensa da época mostra como foi feita a montagem dessa reação desmedida. Arquitetou-se uma representação de Canudos como o foco de uma contrarrevolução monarquista internacional, com sede em Nova York, Paris e Buenos Aires.

---

8 Armando Souto Maior, *Quebra-Quilos – Lutas sociais no outono do Império*. São Paulo: Companhia Editora Nacional/MEC, 1978; José Calasans, *O ciclo folclórico do Bom Jesus Conselheiro*. Salvador: Tipografia Beneditina, 1950 (reed., 2002).

Essa conspiração contaria com ramificações de toda sorte em território brasileiro, navios ao largo, rede de apoio logístico e mesmo treinadores estrangeiros no local.

É nesse clima que Euclides escreve dois artigos sobre o assunto, ambos intitulados “A nossa Vendéia”, publicando-os no jornal *O Estado de S. Paulo*. O título foi tão feliz e oportuno que se alastrou, foi muito glosado e chegou a rotular provisoriamente *Os sertões*; mas, então, ele próprio já tinha aprendido, e duramente, que Canudos não era “a nossa Vendéia”, como também fora induzido a crer. De fato, não calhava mal naquele momento a lembrança da contrarrevolução católica oriunda da aliança entre nobres e camponeses que durante tantos anos fustigara a Revolução Francesa por dentro, enquanto as monarquias europeias atacavam de fora.

Entretanto, nos livros que publicou afora *Os sertões*, *Contrastes e confrontos* (1907), *Peru versus Bolívia* (1907) e *À margem da história* (1909), aqueles dois artigos não foram recolhidos. Tais livros são constituídos por coletâneas de artigos já publicados e pequenos estudos, de nível desigual, versando tópicos variados como política, fronteiras, literatura, história, quadros sociais, perfis, temas amazonenses e outros afins, inclusive seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, para a qual foi eleito menos de um ano após a publicação de *Os sertões*. Talvez injustamente, a seu ver não acrescentavam muito a sua obra: amigos testemunharam seu aborrecimento por ser conhecido como o autor de um livro só.

Após a publicação de “A nossa Vendéia” em *O Estado de S. Paulo*, Euclides é imediatamente contratado por aquele jornal para fazer a cobertura da guerra como enviado especial. Viaja para Canudos em companhia do ministro da Guerra, marechal Macedo Bittencourt, comissionado como seu adido.

Dessa missão resultou a publicação de uma série de reportagens sobre a guerra, só muitos anos após sua morte recolhidas em livro, que seria o embrião de *Os sertões*. O colegial que escrevera quatro sonetos intitulados “Robespierre”, “Danton”, “Marat” e “Saint-Just”, alimentado com ideias francesas na Escola Militar, vai finalmente viver em pleno o mito da Revolução Francesa à moda da casa.

Após quatro expedições bélicas, a insurreição dos conselheiristas seria liquidada em 5 de outubro de 1897. Assinala-se então uma reviravolta de opinião. Mas é bom lembrar que com Canudos o fantasma de um retorno do Antigo Regime ficou exorcizado para sempre, e nunca mais foi manipulado como o fora por essa ocasião. A conspiração monarquista internacional esfumara-se no ar e em lugar dela, acionado a pretexto dela, ficara o massacre indiscriminado de gente pobre. Os mesmos líderes que clamavam pelo extermínio agora falam com emoção em crime. Os manifestos estudantis que antes eram cheios de ardor republicano agora protestam indignados. As Forças Armadas se viram cobertas de opróbrio. O arraial de Canudos fora arrasado, depois de empapado em querosene, a que foi ateado fogo com bombas de dinamite. Resistiria até o último homem tombar morto; alguns dias antes do fim fora negociada a retirada de cerca de trezentas pessoas: mulheres, crianças e velhos. Todos os prisioneiros válidos feitos ao longo da guerra tinham sido manietados e degolados, desde o início, ante a vista dos generais. É essa reviravolta de opinião que *Os sertões* expressará cinco anos mais tarde, quando de sua publicação, vindo a ser o maior *mea culpa* da literatura brasileira. Essa é a nada desprezível razão para seu êxito imediato e fulminante, concretizado em edições sucessivas, juntamente com a eleição do autor para a Academia Brasileira de Letras e para o Instituto Histórico e Geográfico. E, pelo menos em certo nível – pois há outros, como veremos –, razão também de sua permanência na estima geral até hoje.

Se o embrião do futuro livro está na série de reportagens, todavia é ainda em escala muito modesta e nem de longe dá ideia do que acabará sendo. Pois ao mandar os primeiros relatos, Euclides, como todo mundo, inclusive os correspondentes de guerra dos outros periódicos, está convicto de que a República se encontra em perigo. Assina os telegramas com a saudação final: “Viva a República!”, o que também era o grito de guerra das tropas quando avançavam para o ataque. Os canudenses seriam contrarrevolucionários que visavam derrubar a República, a qual, juntamente com a emancipação do cativo que imediatamente a precedera, era o primeiro passo efetivo no resgate do atraso brasileiro e no rumo da entrada do país no concerto das nações civilizadas. Como pode uma nação ser moderna se tem escravos

e rei? Mas, à medida que a série avança, o autor torna-se mais reticente, menos ardoroso no entusiasmo republicano. E, mais curioso ainda, a série ficará incompleta: nunca foi publicada, nunca apareceu e nunca se apurou se afinal foi ou não escrita a reportagem que relataria os últimos dias da guerra e a chacina da vitória.

O livro, que Euclides levaria cinco anos a elaborar e para o qual faria detidos estudos, seria finalmente um enorme volume de mais de seiscentas páginas. Se compararmos as áreas do conhecimento que lá são mobilizadas com o currículo da Escola em seu tempo de aluno, verificamos que já estava familiarizado com boa parte delas. Como matérias de currículo, não teriam sido obrigatoriamente estudadas a fundo, conforme se percebe no livro, mas é com as vistas afinadas por esses saberes que Euclides avalia Canudos e a guerra.

Mas ainda não era suficiente. Aparecem no livro extensos estudos de história de Portugal e do Brasil, sobretudo no que diz respeito à colonização e ao povoamento, necessários para responder a suas indagações quanto à origem e formação da gente de Canudos. Concorrem igualmente noções de antropologia, de sociologia, de folclore, de religião e de psicologia social, esta última com ênfase no que os cientistas sociais do século XIX chamavam de comportamento anormal das multidões, preocupados como andavam com a primeira e vitoriosa revolução social de massas desencadeada nas ruas pela Revolução Francesa.

Assim considerado, o livro aparece como uma formidável enciclopédia em que teorias sobre as causas das secas que assolam o Nordeste ombreiam com interpretações psicocriminais da instabilidade nervosa dos mestiços, e a crítica às táticas desenvolvidas pelo Exército com análises de preceitos religiosos.

No fundo, *Os sertões* é uma narrativa da Guerra de Canudos, provinda de um movimento messianista sertanejo confrontado pelas Forças Armadas, escrita com inúmeras reflexões sobre todas aquelas áreas do conhecimento. Uma apreciação do esquema básico do livro permite compreender melhor essa combinação. O esquema é decididamente determinista: a uma primeira parte intitulada “A terra” segue-se uma segunda intitulada “O homem” e uma terceira, mais longa e com subdivisões que se desdobram a partir do capítulo “A luta – preliminares”.

Na primeira parte, “A terra”, é examinada nas suas origens a constituição geológica do continente americano, com o foco restringindo-se cada vez mais até se concentrar sobre a região de Canudos. São estudados o solo, a flora, a fauna, o clima e as causas do fenômeno local das secas.

Na segunda parte, “O homem”, é analisada a formação antropológica do brasileiro, resultante da confluência de três raças, que são, pela ordem de chegada, a indígena, a branca e a negra. As sucessivas vagas da colonização e do povoamento do país têm seu histórico traçado. Novamente apertando o foco são investigadas a população da região, com seus tipos e costumes, a religiosidade sertaneja e, finalmente, a trajetória pessoal do líder carismático do movimento, Antonio Conselheiro.

A terceira parte, cuja extensão corresponde ao dobro das duas anteriores somadas, narra a Guerra de Canudos, desdobrando-se em seis capítulos, intitulados “A luta – preliminares”, “Travessia do Cambaio”, “Expedição Moreira César”, “Quarta expedição”, “Nova fase da luta” e “Últimos dias”.

Das duas primeiras partes seria lícito supor que não se tratasse de narrativas, devendo ser, por sua natureza, a primeira descritiva e a segunda analítica. Entretanto, são, desde a palavra inicial do livro, intensamente narrativas. Não cabe aqui o dissídio que Lukács apontou entre narrar ou descrever, a propósito do realismo-naturalismo europeu.<sup>9</sup> Não sendo um romance, *Os sertões* é naturalista e é narrativo. A análise literária dá conta de que em “A terra” é sobretudo à figura da prosopopeia ou antropomorfização dos elementos naturais, dotados de desígnios e sentimentos, que cabe a responsabilidade pelo caráter de narrativa; o que não é de todo alheio a manuais de geologia. Em “O homem”, o assunto principal, a miscigenação, é narrado como um processo; o que tampouco é alheio a manuais de história. E os capítulos da luta como que deflagram retroativamente as duas partes iniciais, em que se encontram sistemas de metáforas prefigurando aquilo que vai ser episódio de crônica da guerra.

9 Georg Lukács, “Narrar ou descrever”, *Ensaios sobre literatura*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1965. Ver também três ensaios de Antonio Candido sobre o naturalismo, publicados anteriormente em revistas e recolhidos em livro: “Degradação do espaço”, “O mundo-provérbio” e “De cortiço a cortiço”, em *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993.